

MEMÓRIA

Hiroshima e Nagasaki
são reduzidas a cinzas

Paris

No dia 6 de agosto de 1945, uma explosão atômica reduziu a cinzas a cidade japonesa de Hiroshima, carbonizando instantaneamente mais de 25 mil pessoas. Setenta e cinco horas depois, no dia 9 de agosto, foi a vez de Nagasaki, que deixou um saldo de 13 mil mortos.

A explosão destas duas bombas atômicas mataria, no total, ano após ano, em uma lenta agonia, cerca de 330 mil pessoas, entre elas 10 mil trabalhadores escravos coreanos. A destruição das duas cidades japonesas marcou também o fim da II Guerra Mundial, com a rendição do Japão, seis dias mais tarde, e o começo da Guerra Fria.

No dia 6 de agosto de 1945, às 8h15min, o bombardeiro americano Enola Gay lançou uma bomba de urânio, batizada Little Boy (pequeno menino), sobre Hiroshima, um centro militar vital para os japoneses. Dez mil metros mais ao sul, as radiações alcançaram 300 mil graus celsius, 10 vezes a luminosidade do sol.

Cerca de 80% da população da região foi atingida. Os corpos apareciam envolvidos em uma cortina de fogo. Cerca de 200 mil pessoas sobreviveram à explosão, mas a maior parte – conhecidos como “Hibakushas” – morreu logo depois, em lenta agonia, provocada pelas queimaduras e os efeitos da radiação. Milhares haviam bebido a água da chuva quente e viscosa, a chamada “chuva negra” carregada de material radioativo, que caiu após a explosão. A cada ano, Hiroshima lembra, com um minuto de silêncio, seus 200 mil mortos.

Três dias depois do desastre em Hiroshima, às 11h2min, uma bomba de plutônio foi lançada sobre Nagasaki. O céu nublado não permitiu visualizar o objetivo prioritário: a cidade de Kokura. A lista de



Massacre: explosão de bomba em Nagasaki matou 70 mil

vítimas alcançava, em 1998, 118.555 nomes. Os sobreviventes do impacto da bomba também se tornariam “Hibakusha”. E, apesar da soma irrisória (cerca de US\$ 1 mil) que eles receberam em 1995, seu direito a uma indenização nunca foi reconhecido.

URSS construiu sua própria bomba atômica em 1949

Até 1952, a censura dos EUA proibiu o Japão de publicar qualquer informação sobre os dois bombardeios, justificados pela necessidade de aplicar o golpe de misericórdia contra o imperialismo japonês. Porém, a maioria dos historiadores diz que a derrocada do Japão já era um fato e que a guerra já estava ganha.

A URSS construiu sua própria bomba atômica em 1949 e, depois de várias crises entre Moscou e Washington, o equilíbrio de forças se estabeleceu a partir de uma ameaça recíproca. Mas o resto do mundo, dividido entre o bloco soviético e o bloco ocidental, conheceria a multiplicação dos chamados conflitos “periféricos”. A humanidade começava a viver assim com este terror visceral: “E se um louco pressionar o gatilho nuclear?”, uma frase que inspiraria, em 1964, o filme *Doctor Strangelove (Doutor Fantástico)*, de Stanley Kubrick.

Por não ter circulado em 16 de agosto de 1970,
Zero Hora não publica hoje a seção Há 30 Anos em ZH

ATACADO com PREÇO de ATACADO

Molho de Tomate Bolonesa Só Fruta 24 X 340g R\$ 0,79 Unid.

Lata Margarina Cremosa 16,4Kg R\$ 23,71 Unid.

LETICIA
DISTRIBUIDORA ATACADISTA

TELE Vendas 0800.517600
dleticia@dleticia.com.br

VENDA SOMENTE PARA ATACADO

Visite Nosso Balcão de Pronto Atendimento: Av. dos Estados 1935 Bairro Anchieta P. Alegre



PAULO SANT'ANA

O drama prisional

Entrevistei demoradamente ontem o superintendente dos Serviços Penitenciários, doutor Airton Michels.

Ele me traçou um quadro detalhado da atual administração prisional gaúcha, ligado aos últimos acontecimentos relatados pela imprensa.

A população carcerária gaúcha foi aumentada em 1999 em 640 apenados. Acresceram-se mais 840 apenados somente nos seis primeiros meses de 2000, ultrapassando os 13 mil detentos.

Cresce portanto em nível preocupante a massa carcerária, desproporcionalmente aos recursos que vêm sendo empregados.

O superintendente me fez uma revelação surpreendente: a grande maioria das janelas gradeadas do Presídio Central, centenas, não tem vidros para proteger os detentos do frio e da chuva.

Incrivelmente, a proteção adotada contra o rigor dos invernos é a de mantas e cobertores nas janelas.

Os presidiários, portanto, passam frio e têm suas celas e camas molhadas pela chuva, isto é inaceitável e diz eloquentemente das precariedades gritantes do Presídio Central, hoje com 2,1 mil detentos internados contra uma capacidade que não poderia exceder a 600.

Segundo Michels, para a reforma total do Presídio Central seriam necessários R\$ 24 milhões. O superintendente dá a entender que o governo não possui esses recursos.

Até o fim do ano será feita uma meia-sola, absolutamente imprescindível à funcionalidade daquela casa prisional, quando serão gastos R\$ 4,5 milhões.

Claramente, a conclusão é do colunista, o governo deveria apressar a liberação desses recursos diante da dramaticidade do ambiente carcerário.

Michels declara que o ponto primal das dificuldades se localiza no Presídio Central.

Afirmou com sensibilidade que se criam naturalmente em um clima de tal saturação

populacional facções entre os presidiários. E que provavelmente a liderança do apenado Brasa, que centraliza as queixas e denúncias atuais, é um dos reflexos da questão.

Evidentemente que em tais circunstâncias qualquer administração de presídio tenta se aproveitar positivamente dessas lideranças, fato comum até na literatura e na cinematografia dos presídios. E há a possibilidade de que isso ocorra, mas com a finalidade de normalização das relações intestinas nas galerias.

Mas o superintendente afirma com razão que cessaram os homicídios entre os presos nos últimos tempos. E que não há notícia de espancamento ou maus-tratos entre os presos, fato comum antes que a Brigada Militar tomasse conta da disciplina interna dos presídios.

Ele diz que o IPM que indiciou um capitão e três sargentos por concessão e regalias a uma facção de presos e suposto tráfico de drogas ou sua facilitação foi fruto de denúncias de outras facções contrárias à liderada pelo apenado Brasa e merecerá a consideração e exame da Justiça Militar.

É também verdadeiro que essa orientação que se verifica atualmente nos presídios gaúchos pôs fim à série interminável de motins, desordens e incêndios que atormentou o setor há alguns anos.

Da entrevista com o superintendente remanesceu no colunista que, dentro do quadro de dificuldades materiais que urgentemente terá de ser atacado pelo governo, até mesmo pelo crescimento assustador da massa carcerária, há aspectos de aparência positiva na condução da política de administração e disciplina dos presídios, malgrado as distorções contidas nas últimas reportagens da mídia, que revelam a intolerável venda de lugares privilegiados nas galerias em Charqueadas.

E no intrincado xadrez da administração do Presídio Central há uma probabilidade muito concreta de que a liderança do apenado Brasa seja positiva.